

## cultura local

# A FAMÍLIA TRADICIONAL DO BAIXO ALENTEJO

JOSÉ LUÍS I. RAMALHO \*

A instituição família no Baixo Alentejo apresenta uma grande homogeneidade de características, na quase totalidade dos seus concelhos, apenas se notando algumas divergências, embora pouco significativas, na região de Moura.

Esta instituição tem vindo a sofrer ao longo dos tempos profundas alterações. A tal facto não é alheio o surgir de uma sociedade cada vez mais aberta e mais complexa, bem como a influência exercida pelos meios de comunicação junto da população, sempre receptiva ao que lhe é imposto pelos *mass média*. Deste modo, o povo Alentejano embora inconscientemente tem vindo a relegar, a pouco e pouco, a sua própria cultura.

O presente estudo procura ser uma contribuição para a preservação desta velha instituição, através de uma breve análise do historial da família e de ritos de passagem como o nascimento, o baptizado, o namoro, o noivado e o casamento na comunidade Alentejana em geral, e na região de Moura em particular.

### 1. A FAMÍLIA

Quando falamos em família ocorre-nos de imediato a ideia de uma unidade social constituída por pessoas unidas por laços de afinidade e de consanguinidade.

Os laços de afinidade têm uma importância muito grande no conjunto da organização familiar. Veja-se que geralmente marido e mulher não são parentes consanguíneos, e que o casamento não representa apenas uma aliança entre duas pessoas, mas também entre duas famílias.

Assim se compreende que antigamente no Alentejo o casamento representasse uma forte ligação por afinidade entre as duas famílias envolvidas, pelo que não era de estranhar o predomínio da família extensa, que congregava em si várias famílias nucleares, ou seja, vários casais.

Toda esta atitude perante a família se reflectia na função da mulher, que ficando em casa tratava das crianças e dos idosos. Estes últimos eram muito respeitados e mesmo venerados pelos mais jovens que, sempre que podiam, não perdiam a oportunidade de aprender algo com a sua vasta experiência de vida.

Os idosos eram os verdadeiros chefes de família. A sua autoridade no seio desta, principalmente a do homem, mantinha-se até mesmo depois da morte, onde todos "conservando muitas das virtudes patriarcais, davam à sua morte um carácter de fatalidade sem conciliação. A viúva envelhecia de lágrimas e estiolava como uma trepadeira queimada; um dos filhos, se era homem, emprendia e continuava a tarefa do pai, adquirindo nos hábitos, no amor e no respeito da família o mesmo grau

\* Docente da ESE de Beja

## cultura local

de fervor cego e de obediência dedicada. (...) Mas o seu governo era todo nominal. Quem ali imperava, quem a tudo presidia, quem julgava tudo e tudo ordenava era o velho, o marido, o pai, o outro querido fantasma evocado a toda a hora e a propósito de tudo". (Almeida, 1983:138)

Actualmente, ao caminhar-se para o domínio da família nuclear, a experiência vivida pelos mais idosos está a ser desaproveitada e estes infelizmente deixaram de encontrar no seio desta instituição o garante de um final de vida dignificante, afectuoso e feliz.

A família englobava em si várias outras instituições de cariz também familiar, como seja o caso do namoro, do noivado, do casamento e do baptizado. Estas instituições, verdadeiros ritos de passagem, desempenhavam, como veremos em seguida, funções muito concretas dentro da organização familiar.

### 1.1. O NAMORO E O NOIVADO

**D**urante os primeiros meses de namoro os apaixonados não tinham, como acontece nos tempos actuais, o hábito de conversar à porta ou passear juntos. Esta fase do namoro era caracterizada por uma quase total ausência de diálogo e uma timidez inexplicável entre ambos os namorados. Nas festas locais, no trabalho e principalmente nos bailes é que os jovens namorados exprimiam os seus sentimentos amorosos, através de olhares discretos, de conversas simples e rápidas bem como em cantigas apropriadas.

Os jovens namorados quando em conversa com pessoas estranhas, referiam-se um ao outro pela designação de "primo", e frequentemente procediam à troca de prendas que "consistiam em lenços bordados, anéis, taleigos feitos de retalhos de fazendas de cores vivas e vistosas, que os rapazes levavam consigo quando iam para a vida militar." (Machado, 1980:220)

A prestação do serviço militar obrigatório era na maioria dos casos a única ausência que os namorados conheciam, tornando-se esta verdadeiramente mortífera, como o testemunha a correspondência trocada entre si. As próprias cartas eram cuidadosamente decoradas e por vezes encabeçadas, por uma quadra, que procurava expressar os sentimentos que cada um nutria pelo outro.

Nas tardes de domingo e nos dias festivos, era hábito as raparigas formarem grupos junto às portas de suas casas para assistirem à passagem dos seus apaixonados. Estes, organizados em pequenos grupos de cantadores, entoavam ao longo das ruas, canções, aproveitando os momentos mais adequados para a troca de olhares e de sorrisos expressivos dos seus sentimentos. Os bailes eram igualmente aproveitados pelos jovens namorados para, através de um aperto de mão ou de uma discreta piscadela de olho trocarem entre si significativas manifestações de amor.

O namoro começava em regra quando a rapariga tinha 14 ou 15 anos e o rapaz mais três ou quatro anos. Formalizava-se uns tempos depois, quando o rapaz pedia ao pai da jovem autorização para a namorar.

Passados alguns anos de namoro, o rapaz pedia a sua amada em casamento, pedido este que era feito igualmente pelos pais do rapaz como garante da responsabilidade paterna. Dado o consentimento por parte dos pais da namorada, o rapaz a partir de então era autorizado a dar "serões", isto é, podia entrar na casa paterna da noiva para com ela namorar, todos os sábados e domingos ao entardecer. Com o decorrer dos tempos estes "serões" passaram a ser também autorizados durante a semana, normalmente em dias alternados ou somente às quintas-feiras. Geralmente o namorado era recebido na casa de entrada permanecendo ambos sentados, cada um em extremos opostos de uma arca ou de uma mesa, que quase sempre existia nesta dependência da habitação, ou

## cultura local

então de pé, junto à porta, com a rapariga dentro de casa e o rapaz do lado de fora. Em qualquer das situações os jovens namorados estavam sempre sob uma vigilância familiar um pouco disfarçada.

O recato da rapariga e as capacidades reveladas por ambos para administrar e fazer economias com o pouco dinheiro que ganhavam, dava a entender que ambos estavam a orientar as suas vidas no rumo do casamento.

Por tradição, em todas as sociedades ocidentais o namoro impõe deveres mais rígidos às raparigas do que aos rapazes. Assim, a rapariga quando ía a um baile, só devia dançar com o namorado ou com outras raparigas; se o namorado não pudesse estar presente também ela não deveria lá estar. Era esta imposição social que fazia com as raparigas que tinham os seus namorados ausentes, na tropa ou por qualquer outro motivo, não aceitassem participar em bailes, ou qualquer outro tipo de festa, sob pena de a sua idoneidade moral ser posta em causa. Deviam igualmente evitar as conversas com homens solteiros e passar a caminhar com passo rígido e compenetrado e sempre de olhar cabisbaixo:

Os namorados não deviam ter relações sexuais, pois a mulher que tivesse sido "cevada", isto é, "que se soubesse haver tido relações sexuais com um namorado, seria conspurcada e não seria aceite por outro homem que se prezasse. O desfloramento da mulher pelo marido constituía um pressuposto fundamental, pelo que o não cumprimento desta norma não tinha justificação. (Cutileiro, 1977:125)

A comunidade exigia dos namorados, mas principalmente da rapariga um comportamento discreto e passivo. Deste modo, todas as raparigas abandonadas pelos namorados e das quais se constasse terem tido relações sexuais com eles ou com outros homens estava-lhes vedado o acesso a um casamento digno, bem como eram votadas ao ostracismo por todos os elementos da comunidade. Daí que, quan-

do isto acontecia, era frequente a tentativa de suicídio das jovens.

Era igualmente prática que todas as raparigas desde muito novas comesçassem a cuidar do seu enxoval, sob orientação de suas mães. Também neste assunto a comunidade estava atenta, não concebendo que alguém casasse sem o respectivo enxoval, que deveria ser funcional e não luxuoso.

O namoro raramente durava menos que 4 a 5 anos, tendo em tempos mais remotos uma duração muito maior. As razões para esta demora variavam segundo a proveniência socio-económica dos noivos. Assim, ao nível dos grupos mais desfavorecidos, o caso dos trabalhadores rurais, o retardar do casamento resultava do facto de terem que criar condições para adquirir com as suas magras economias todo o enxoval, os móveis e utensílios domésticos necessários ao futuro lar. O noivo por sua vez, só podia pensar em casar depois de regressar do serviço militar, e em algumas localidades, conseguir condições económicas para comprar uma casa - residência neolocal. Era preocupação de todos os jovens casais, principalmente do noivo, criar condições para ser capaz de sustentar o respectivo lar, sem a ajuda da família.

Para a constituição do lar em projecto, à noiva competia adquirir o seu recheio, designadamente os móveis e os utensílios domésticos; ao noivo competia levar os utensílios do seu trabalho profissional, arranjar uma "morada de casas", arrendada ou caso fosse possível comprando-a ou fazendo-a, bem como o necessário para mobilar um quarto de dormir. Sempre que, ao jovem casal se deparava a impossibilidade de conseguir arranjar casa própria, a solução normalmente adoptada era ficar a viver na casa dos pais. Tradicionalmente os jovens nesta situação optavam pela escolha da casa dos pais das esposas - residência uxorlocal, - sendo esta escolha, por vezes, igualmente condicionada por factores de ordem económica.

O namoro e o noivado eram pois instituições de grande importância, visto

## cultura local

constituem não só uma preparação para o casamento como um teste às características e capacidades do futuro casal.

### 1.2. O CASAMENTO

*"Casamento é o contrato celebrado entre duas pessoas de sexo diferente, que pretendem constituir legitimamente a família mediante uma comunhão plena de vida."*

Código Civil Português, art. 1 577

A regulamentação da relação sexual tendo em vista a procriação parece constituir não só a essência, como o objectivo primordial do casamento. Radcliffe-Brown afirmou mesmo que o casamento é "uma ordem social por meio da qual o filho recebe uma posição legítima na sociedade determinada pelo parentesco em sentido social".

Sob o ponto de vista antropológico poder-se-á afirmar que o casamento se revela como um facto cultural e social mais complexo e interessante do que normalmente é considerado. O casamento, para além de unir os dois cônjuges numa relação profunda, leva igualmente ao aparecimento de todo um mecanismo de parentesco quer de consanguinidade quer de afinidade.

Os objectivos a que o casamento deve responder são de diversa ordem, variando conforme o contexto cultural. Com base nesta realidade o antropólogo E. Leach estabeleceu uma série de objectivos aos quais o casamento podia obedecer e que, se considerarmos a realidade cultural do Alentejo, eram:

- "estabelecer o pai legal para os filhos de uma mulher;
- dar ao marido o monopólio sobre a actividade sexual da mulher;

- dar ao marido o direito parcial ou o monopólio sobre os serviços domésticos ou outros trabalhos da mulher;
- estabelecer um fundo comum de propriedade em benefício dos filhos do casamento."

O casamento ao levar à união de duas famílias passou a ser objecto de normas sociais, que de um modo geral se sobrepunham muitas vezes à vontade dos próprios cônjuges.

Em todo o Alentejo era a estratificação social que condicionava quem casava com quem. Assim, os elementos das famílias de latifundiários e proprietários casavam-se entre si, de forma a assegurar a continuidade da boa situação económica da família. Os camponeses e outros trabalhadores de fracos recursos económicos, procuravam casar-se também dentro do seu grupo social. Era o que podemos classificar de casamentos preferencialmente endogâmicos.

O casamento acabava por resultar normalmente da livre escolha dos interessados. Esta escolha tinha no entanto que recair num elemento do mesmo grupo socio-económico. Deste modo, os pais dos namorados poderiam manifestar uma maior ou menor aprovação ou reprovação em relação ao namoro, mas geralmente não se lhes opunham com firmeza.

Poder-se-á mesmo afirmar que no Alentejo a maioria dos casamentos eram ditados por razões sentimentais. Em Moura porém, sempre houve a preocupação de utilizar o casamento para evitar a divisão da propriedade fundiária, ou noutros casos, para procurar a sua junção. Assim, eram frequentes os casamentos entre primos irmãos. Diz-se mesmo que nesta "região só os pobres casam por amor".

O matrimónio ao implicar a ligação de duas famílias por laços de afinidade, fazia com que estas muitas vezes se empenhassem

## cultura local

nhassem em incentivar ou desencorajar certas uniões.

Esta instituição incluía todas as normas que deviam regular a relação entre as famílias, os direitos e deveres dos esposos, bem como as obrigações para com os filhos e parentes.

Pode-se afirmar que o casamento se revestiu ao longo dos tempos de grande importância para a continuidade familiar, visto o seu propósito ser a constituição de uma nova família individualizada, independente e autónoma.

### 1.2.1. A CERIMÓNIA DO CASAMENTO

**P**ara a cerimónia do enlace matrimonial, convidavam-se em geral, para padrinhos de casamento, os padrinhos de baptismo se ainda fossem vivos, ou os filhos deles em sua representação. Era igualmente frequente assistir-se a trabalhadores rurais escolherem para padrinhos os lavradores para quem usualmente trabalhavam criando-se assim não só um laço de parentesco como o assumir das relações de patrocínio.

Às madrinhas competia oferecer o vestido de noiva, assim como um "avio" constituído por uma grande variedade de géneros alimentícios - azeite, farinha, ovos, enchidos, açúcar, bacalhau, etc.. Os padrinhos normalmente davam um pequeno valor monetário, para fazer face a possíveis dificuldades que surgissem nos primeiros tempos de vida do jovem casal.

Para a cerimónia convidavam-se para além dos padrinhos todos os familiares e amigos que não só assistiam à boda, como ajudavam nos preparativos para a festa. Assim, todos ofereciam ingredientes necessários à feitura dos doces, ou serviços que prestavam de boa vontade.

No dia de núpcias, os convidados de ambos os noivos juntavam-se na igreja e após a cerimónia nupcial dirigiam-se em conjunto para a casa destinada à boda, ou "função" onde se realizava uma grande fes-

ta em que todos alegremente conviviam e comiam. Tradicionalmente esta cerimónia desenrolava-se por 2 ou 3 dias festivos, durante os quais os pais dos noivos se responsabilizavam pelas refeições a servir a todos os convidados. Estas festividades iniciavam-se pelo "copo de água" composto por doçaria e diversas bebidas alcoólicas e refrigerantes, sendo servido logo que os noivos chegavam da igreja, seguindo-se-lhe mais tarde as refeições de carne.

Esta era a prática generalizada no Alentejo, exceptuando-se a região de Moura, onde estas cerimónias eram, e ainda o são, bem diferentes. Nesta região, no dia do casamento convidava-se o noivo para almoçar em casa dos pais da noiva, num manifesto ritual de passagem.

Ao aproximar-se a hora da cerimónia religiosa, os convidados de cada um dos noivos agrupavam-se na casa de solteiro deste. A noiva ladeada pelas suas madrinhas e todo o "acompanhamento" dirigia-se para a igreja, onde já deveria estar o noivo e todos os seus convidados, não fosse este faltar, o que em tempos parece ter acontecido, empregando-se ainda hoje a expressão: "ficar como a noiva no subidoiro", o que significa esperar alguma pessoa que jamais aparecerá.

Chegada a noiva procedia-se então às solenidades religiosas do casamento. Uma vez este efectuado, competia aos padrinhos o pagamento das despesas inerentes ao acto. Seguidamente, em primeiro lugar saía o noivo com os seus convidados, e depois a noiva com o seu acompanhamento, indo cada um dos recém-casados, separadamente, para casa dos seus pais. Nesta prática, parecia haver influência de um costume árabe, porquanto, embora já casados, por algum tempo ainda não se encontravam juntos, lado a lado". (Machado, 1980:221)

Ao longo de todo o trajecto da igreja até aos locais das bodas, aqui, como em todo o Alentejo, os noivos eram brindados com pétalas de flores, arroz e trigo, para terem sorte ao longo da sua vida de casados. Os rapazes e outros assistentes eram

## cultura local

contemplados, durante o percurso, com reбуçados, bolos, e por vezes, moedas, que os padrinhos transportavam em talegos finamente bordados, e que iam a pouco e pouco lançando para cima dos assistentes, enquanto estes entre gritos e palmas davam os parabéns e desejavam felicidade ao jovem casal.

Chegados aos locais das bodas eram servidos os "copos de água", onde todos comiam e bebiam em alegre confraternização.

Servidos os "copos-de-água", o que acontecia ao fim da tarde, iam então todos os convidados levar o noivo para junto da noiva, ficando estes a partir de então juntos.

Ao entardecer iniciavam-se então os preparativos para o banquete, onde era certo haver a boa canja de galinha e o ensopado de borrego. Estes banquetes obediam a um cerimonial que impunha que primeiro comessem os homens e só depois, nas "mesas seguintes" as mulheres e crianças. Esta prática sexista, seria em parte para evitar que mulheres e crianças ouvissem conversas jocosas, que devido ao momento vivido e à bebida em excesso eram frequentemente ditas.

Durante o jantar eram dadas as "saúdes", isto é, brindes em versos normalmente improvisados, que se dirigiam aos noivos ou a alguns dos presentes, como por exemplo:

Vô detar'ma saúde  
 Bem sei que nam'itou sózinho;  
 Vô fazer uma das minhas  
 Aqui, nesta ocasião:  
 Viv'ó noivo mais a noiva,  
 Os padrinhos e as madrinhas  
 E o pessoal da função" (1)

Todas as bodas terminavam com a realização de um baile, onde se dançava e cantava alegremente.

Chegada a meia-noite todos os convidados iam "deitar os noivos", isto é, acompanhá-los até à sua nova morada. No percurso todos cantavam a tradicional moda dos noivos:

"Senhor noivo eu lhe peço  
 E lhe torno a pedir:  
 Que não trate a noiva mal  
 Nem a leve pró Brasil

Senhor noivo, eu lhe peço  
 Que não trate a noiva mal  
 Que ela sabe o que deixou  
 Não sabe o que vai buscar

Olha a noiva se vai triste,  
 Olhando p'ra o seu vestido;  
 Deixa pai e deixa mãe  
 Vai viver com seu marido

Olha a noiva se vai triste  
 Coitadinha, o que tem ela?  
 Deixa o pai e deixa a mãe  
 Deixa o estado de donzela."(2)

Estes e outros versos então cantados, tinham a função de aconselhar o noivo, no sentido de criar uma boa harmonia conjugal.

Chegados à casa dos noivos eram todos convidados a entrar, a comer e a beber. Esta era a oportunidade para o jovem casal dar as boas vindas ao seu lar, a familiares e amigos. Em seguida todos os presentes se dirigiam ao quarto de cama, onde a pretexto de verem a cama da noiva, feita com a melhor roupa do enxoval, aí lançavam moedas e notas. Terminada esta prática, que em muitos casos era aproveitada pelos presentes para publicamente ostentarem a sua situação económica, todos regressavam ao local da boda. Era então altura de recomeçar o baile, agora com a presença entusiasmante dos pais dos noivos, que dançavam entre si, festejando não só a boa forma como a cerimónia decorreu,

## cultura local

como a nova relação familiar que então se iniciava.

Na manhã seguinte, todos os convidados, a que não podiam faltar os padrinhos e as madrinhas iam "levantar os noivos", testemunhando então a feliz união, seguindo de imediato para o almoço.

Depois da boda era usual darem-se presentes de bolos a quem tinha oferecido produtos para a sua confecção ou tinha prestado serviços, sendo os mais avultados os destinados às madrinhas e aos padrinhos.

Há muitos anos atrás, quando o povoamento Alentejano era muito raro e disperso, os casamentos realizavam-se, por vezes, entre jovens oriundos de montes diferentes, sendo o transporte dos noivos e convidados feito em muares e carroças até ao local de celebração da cerimónia. Praticava-se então um costume conhecido pelo nome de fogaça, termo que designava um bolo enorme e adocicado com a configuração de um galináceo e que era oferecido a um dos participantes da boda. Para merecer tal prémio era necessário participar de uma cavalgada disputada entre os convidados e conseguir ser o primeiro a chegar ao local de realização da "função" com notícias da vinda dos noivos, que aí eram aguardados ansiosamente.

Veja-se para o efeito parte da descrição de um destes casamentos antigos, feito em versos por um poeta anónimo de Beja.

Alguns deles vêm montados  
Numas mulas albardadas,  
Com toalhas encarnadas  
E sem freios nem bocados. (3)

Sempre, sempre a descompô-los  
Maldizendo os seus vagares,  
A bater os calcanhares  
E a mostrar já as ceroulas.

Outros trazem seus corcéis  
Bem tratados e lustrosos,  
Com selins muito vistosos  
E bordados nos xairéis. (4)

Os que não têm montadas,  
Ou receiam trambolhões,  
Chegam juntos aos montões,  
Em carrinhas emprestadas.

(...)

Todos vestem a primor  
O seu trajo alentejano  
Que lhes serve todo o ano,  
Tempo frio ou de calor.

Chapéu grande de aba larga,  
E uma borla bem segura,  
Cinta em volta da cintura  
Com cadilhos à ilharga.

De gravata não precisa,  
O colete é quase certo  
Anda sempre bem aberto  
A mostrar bem a camisa.

(...)

Os que avezam capital  
Os solteiros e os casados,  
Formam grupos separados,  
Sem querer darem por tal.

(...)

Então comem, bebericam,  
E, provando educação,  
dos copinhos vão p'ra o chão  
Umás pingas que lá ficam.

Chega, então, n'este entrementes  
O Luiz com o padrinho,  
Que é velhote e seu vizinho,  
E uns moços seus parentes.

Mal que chega, tôda a gente  
Corre logo a f'licitá-lo,  
Um ou outro a abraçá-lo  
Com prazer bem evidente.

É a vez da Margarida  
Vir também entrar em cena,  
Mas, a pobre da pequena,  
Tão bonita e bem vestida,

## cultura local

Com vergonha, coitadinha,  
Só depois de muito instada  
Vem então, ruborizada,  
pelo braço da madrinha.

(...)

Como pronto tudo esteja  
É já tempo de ir embora  
Pois que dentro de uma hora  
Deve o padre estar na igreja.

Montam uns nos seus cavalos  
Muito lestos e ligeiros  
Como destros cavaleiros,  
Com a espora a dispertá-los.

(...)

Para a noiva e seus padrinhos  
Há um carro reservado,  
Com cortinas e forrado  
De crétone com raminhos.

(...)

Sempre, sempre aos solavancos  
Sobre a estrada de mau piso  
E passando com juízo  
Sobre as águas dos barrancos.

São já onze e meia, certas,  
Quando chegam à igreja  
Pode ser que o padre esteja  
Porque as portas estão abertas.

Mal acabam de chegar,  
Mulheres, moças e garotos,  
Uns descalços, outros rôtos,  
P'ra lá correm sem cansar.

O cortejo vai entrar  
Entre os grupos de curiosas,  
Tão juntinhas e morósas  
Que bem custa atravessar.

Margarida vai subindo  
Chega ao pé do altar mor,  
Junto dela, em seu redor  
Vão-se todos reunindo.

Vem agora o sacerdote,  
Com já velhos paramentos,  
Magestoso, passos lentos  
Inda rijo o bom velhote. (5)

### 1.2.2. O ASPECTO SEXUAL DO CASAMENTO

Como já foi referido, os namorados não deviam ter relações sexuais, pois a rapariga que o fizesse e viesse a ser deixada pelo namorado dificilmente arranjaría quem com ela casasse. O homem "partia para o casamento com a esperança de a mulher não o vir a enganar. A virgindade da noiva e a fidelidade da esposa constituíam os pressupostos morais básicos sobre os quais se edificava a família." (Cutileiro, 1977:128)

A mulher devia pois apresentar-se em estado de pureza, bem como se deveria mostrar indiferente à sua vida sexual. O não ter o "vício sexual" era importante para que o homem confiasse na fidelidade da sua esposa.

Antes de casar a jovem devia proteger a sua virgindade do "vício". Toda a mulher deveria demonstrar ser capaz de dominar os seus ímpetos sexuais, pois esse domínio colocava-a perante a opinião pública, a salvo de um eventual adultério e, funcionava igualmente como um garante para a felicidade e bom nome de seu marido e de sua família.

Partia-se pois do princípio que a mulher submetteria a sua virgindade ao marido na noite de núpcias. Assim, havia um cerimonial em relação à cama nupcial que era feita com a ajuda das amigas. A estas competia ajudar a fazer a cama com a roupa de melhor qualidade, aproveitando a oportunidade para "pregarem algumas partidias" aos noivos, tais como colocar açúcar nos lençóis ou mesmo chocalhos presos ao colchão. Tais brincadeiras tinham a finalidade de embaraçar ainda mais o já de si



## cultura local

diffícil primeiro momento de profunda intimidade do jovem casal.

A cama nupcial constituía um símbolo da vitória alcançada pela noiva na defesa da sua honra, mantendo-se firme na luta contra o "vício", desde a puberdade até àquele dia. Daí que, em algumas regiões, a verificação da cama após a primeira noite de casados e a divulgação do resultado do acto íntimo praticado, representassem as contas que o jovem casal tinha que prestar à comunidade.

### 1.2.3. A IGREJA E O CASAMENTO

**O**s antepassados desta região, embora pouco praticantes, eram profundamente religiosos.

Este comportamento reflectia-se em certas atitudes reveladas no seio familiar. Assim, todo o casamento era religioso, sendo indigno que alguém não se casasse por igreja, ou que se amantizasse, pois se o fizesse seria repudiado pela comunidade. Mesmo as uniões maritais em que a namorada fugia com o namorado, normalmente para a casa deste, eram rapidamente confirmadas por cerimónia religiosa, que embora discreta, tinha por finalidade reabilitar o jovem casal perante a comunidade.

Era igualmente a religiosidade deste povo que o levava a realizar o baptizado, o mais breve possível, não fosse acontecer algum mal à "criancinha mourinha", que assim não teria entrada no reino dos céus.

A sociedade Alentejana era muito severa na análise do comportamento familiar. Seria impensável, por exemplo, que as mulheres praticassem o aborto. Se o fizessem e fossem descobertas, não só a mulher como o marido seriam considerados impuros e votados ao ostracismo por toda a comunidade. Eis em parte a razão da existência de grandes "proles", principalmente nas classes mais desfavorecidas, que devido à falta de conhecimentos não conseguiam efectuar um correcto planeamento familiar, o que aliado à não utilização de contracep-

tivos, originava frequentes estados de gravidez.

A sociedade Alentejana repudiava também toda a espécie de relações incestuosas, o que não impedia que as mesmas acontecessem com uma frequência regular. Quando detectadas estas relações incestuosas, as pessoas em causa eram por vezes "obrigadas" a mudarem-se para outras regiões. Este vexame levava muitas vezes a que um dos intervenientes se suicidasse. A própria união de primos irmãos pelo casamento não era muito bem vista, excepção feita na região de Moura, onde a união entre primos constituía mesmo o casamento preferencial, entre os grupos economicamente privilegiados.

Apesar de toda esta severidade na análise do comportamento dos outros, não deixaram de se verificar casos incestuosos, de adultério, e mesmo a prática de abortos, em regra feitos pela própria mulher através de métodos artesanais. Note-se que este acto era somente do conhecimento da mulher que o praticava e que por vezes nem ao próprio marido dizia, com receio de que a comunidade viesse a tomar conhecimento do seu acto, o que teria graves reflexos na reputação familiar.

### 1.3. O NASCIMENTO E O BAPTIZADO

**A** tradição religiosa levava à preocupação de baptizar quase de imediato todos os neófitos porque, segundo a tradição, os recém-nascidos antes do seu baptismo estavam "mourinhos", isto é, não tinham ainda sido recebidos na comunidade de Deus. Havia assim que levar o recém-nascido, o mais rapidamente possível, para o seio da família cristã.

A primeira coisa a fazer era escolher os padrinhos. Esta escolha era cuidadosa porque estes teriam a responsabilidade de ajudar na criação e na educação da criança, e, na ausência do pai ou da mãe, seriam eles que os substituiriam nos cuidados a prestar.

## cultura local

Multas das vezes a escolha dos padrinhos poderia servir para consolidar laços familiares já existentes. Quando a escolha era feita em elementos fora da família normalmente recaía sobre pessoas de condição social mais elevada, que oferecessem a possibilidade de virem a proporcionar um bom futuro ao seu afilhado. Nestes casos, normalmente os escolhidos eram os patrões ou outras pessoas detentoras de cargos de prestígio dentro da comunidade.

Antigamente os partos realizavam-se em casa, sendo assistidos por uma "parteira", mulher de idade adulta e largamente experimentada em acudir às parturientes. Era esta que no dia da cerimónia do baptizado conduzia a criancinha à igreja, sendo acompanhada pela madrinha, pelo padrinho, pelo pai da criança e pelos restantes convidados. A mãe ficava em casa cuidando dos preparativos para a festa do baptizado.

Se a criança era do sexo masculino cabia ao padrinho escolher-lhe o nome, sendo do sexo feminino esse privilégio era atribuído à madrinha. Terminada a cerimónia litúrgica, os sinos tocavam a repique para anunciar à comunidade que a mesma havia terminado, e que a partir daquele momento a família cristã tinha um novo elemento. Em seguida todo o acompanhamento se dirigia para casa dos pais do bebé, onde entre os parabéns aos familiares da criança, aos padrinhos, e à parteira, pelo seu bom trabalho, se festejava, comendo e bebendo, o feliz acontecimento.

Havia em todo o Alentejo uma ausência quase total ao recurso à medicina convencional. Assim era à "parteira" que competia não só ajudar a parturiente a restabelecer-se como a prestar os primeiros cuidados ao recém-nascido. As crianças nos seus primeiros meses de vida estavam muito sujeitas aos "mal da lua" e "mau olhado", para o que havia que estar atento e saber aplicar, "a tempo e a horas", a reza ou benzedura adequada. O "mal da lua" era o mais frequente e apresentava como princi-

pal indicador o "revirar os olhos". Para a sua cura recorria-se a várias cerimónias simbólico-religiosas, das quais a mais usual era o "oferecer as crianças à lua". Para o efeito, logo nos primeiros dias de vida, e numa noite de luar, a mãe deveria levar a criança à rua e, numa atitude de respeito e clemência, rezar:

"Lua, luar  
Aqui tens o(a) meu(minha) menino(a)  
Para ajudares a criar  
Tu és mãe  
E eu sou ama  
Ajuda-me a criá-lo(a)  
Que eu lhe dou mama".

Após o baptizado, a parteira, os pais da criança e os padrinhos passavam a tratar-se por comadres e compadres, estabelecendo-se assim, por vezes, profundos laços de afinidade.

\* \* \*

Concluindo, poder-se-á afirmar que a sociedade Alentejana conservou durante muitos anos o culto da família, que dum modo geral, apesar de extensa era muito unida.

Para a preservação desta muito contribuía o casamento e a prática quase generalizada de os noivos não estarem ligados por laços consanguíneos. Tal facto, levando à união de duas famílias distintas, permitia o estabelecimento de laços de parentesco que representavam o denominador comum das relações sociais desenvolvidas no seio da comunidade Alentejana, o que confirma a ideia do antropólogo Fredman, de que "o estudo do parentesco e do casamento é antes de tudo o exame das relações entre as gerações e os sexos(1978:77)

## cultura local

Em todo o Alentejo a existência da família tradicional, em que existiam vários casais com seus filhos, vem dando lugar ao aparecimento da família nuclear - pais e filhos - , começando mesmo a surgir com certa frequência a família elementar ou seja somente marido e esposa. Paralelamente a esta desagregação da família, nota-se igualmente a decadência crescente de todas as outras instituições - baptizado, namoro, noivado, casamento - facto a que não será de todo alheio a influência dos *mass-media* que vêm exercendo, aquilo a que poderemos chamar uma aculturação crescente do povo Alentejano.

### NOTAS:

- (1) - "saúde" da região da Amareleja.
- (2) - Moda citada por Machado (1980:222)
- (3) - Parte do freio que entra na boca dos animais.
- (4) - Peça de pano, ou pele, que cobre o cavalo do arção traseiro até às ancas.
- (5) - Versos citados por Victor Santos.

### BIBLIOGRAFIA

**ALMEIDA**, Fialho de (1983) - *Contos*, Publicações Europa América, Mem Martins.

**ANDERSON**, Michael (1984) - *Elementos para a História da Família Ocidental*, Ed. Quercus, Lisboa.

**BASTOS**, Jacinto F. Rodrigues (1967) - *Código Civil Português*, Livraria Almedina, Coimbra.

**CUTILEIRO**, José (1977) - *Ricos e Pobres no Alentejo*, Sá da Costa, Lisboa.

**FREEDMAN**, Maurice (1978) - *Antropologia Social e Cultural*, Livraria Bertrand, Lisboa.

**GODELIER**, Maurice; **PITT-RIVERS**; **CAVEING**, Maurice (1976) - *Antropologia Social*. Edições RÉS, Porto.

**HOEBEL**, E. Adamson (1976) - *Antropologia Cultural e Social* - Editora Cultix, São Paulo.

**LOBATO**, João Rodrigues (1961) - *Amareleja, rumo à sua História*, Évora

**MAIR**, Lucy (1965) *Introdução à Antropologia Social*, Zahar Editores

- *O Casamento* (1973), Editora Ulisses, Lisboa

**MACHADO**, F.V. (1980) - *Monografia de Vila Verde de Ficalho*.

**MELLO**, Luiz Gonzaga (1986) - *Antropologia Cultural*, Ed. Vozes, Petropolis

**MOREIRA**, M<sup>ª</sup> Amélia M.F. (1988) - *Principais Estrangulamentos das Comunidades Rurais Alentejanas*, Comissão de Coordenação da Região do Alentejo, Évora.

**SANTOS**, Victor (1987) - *Cancioneiro Alentejano*, Ed. do Grémio Alentejano, Lisboa.

## Como colaborar com



LER EDUCAÇÃO está aberta a todos os que nela queiram participar, bastando para o efeito enviarem-nos artigos, críticas ou opiniões relacionadas com educação ou sobre temas que de alguma forma ajudem a divulgar a cultura do Baixo Alentejo.

Os originais deverão ser dactilografados em folhas A4, a dois espaços, e sempre que contenham gravuras, esquemas ou outros elementos gráficos, estes deverão ser de boa qualidade, e acompanhados das respectivas legendas e indicações referentes à sua inserção no texto.

A direcção desta revista reserva-se o direito de selecção dos artigos a publicar.

Toda a correspondência deverá ser enviada à direcção da revista LER EDUCAÇÃO